



ID: 50910894

21-11-2013

Entrevista



James Gray, 44 anos, diz que todos os filmes têm um lado pessoal. Em "The Immigrant", a história dos avós, emigrantes da Ucrânia que chegaram a Ellis Island em 1923, está muito presente. "Apesar de todos os problemas que tiveram na Ucrânia, os meus avós sempre se sentiram sozinhos, nostálgicos e melancólicos nos EUA"



James Gray. "A minha vida é muito melhor e mais decepcionante do que eu esperava"

O realizador norte-americano exorcizou a sua ascendência forasteira e apresentou no Lisbon & Estoril Film Fest "The Immigrant"

LUIS DE FREITAS BRANCO (Texto)

mais@ionline.pt

BRUNO SIMÕES CASTANHEIRA

(Fotografias)

fotografia@ionline.pt

Um abraço meigo e um "muito obrigado" encerraram uma sessão de terapia no Cinema Monumental em Lisboa, com o realizador James Gray reclinado no sofá de recordações e melancolia. "The Immigrant", com Marion Cotillard e Joaquin Phoenix, sobre a aterradora chegada de emigrantes à Nova Iorque dos anos 20, é um espelho genético do realizador, neto de dois ucranianos que viveram esta mesma viagem. Em cinco filmes, quatro dos quais com Joaquin Phoenix, Gray especializou-se no que define o cinema de autor, de alguém que procura uma explicação existencial ou pessoal. Quase 20 anos depois da estreia, com "Viver e Morrer em Little Odessa", o realizador confessa uma vida passada errante em Nova Iorque e um presente entre a insatisfação e a surpresa, que chegou nestes dias com a sala cheia no Estoril, uma retrospectiva no festival, ou mesmo uma pergunta no fim desta mesma entrevista.

Ellis Island, em Nova Iorque, é um dos grandes protagonistas deste filme, onde os seus próprios avós tiveram de passar para entrar nos EUA. Quem foram os seus avós?

Nasceram os dois numa pequena cidade na Ucrânia em 1903. Os pais da minha avó foram assassinados por cossacos, que lhes cortaram as cabeças em praça pública. O meu avô foi chamado para o exército, e para um judeu isso era basicamente uma sentença de morte. Apesar de terem nascido os dois no mesmo ano e na mesma pequena cidade, só se conheceram anos mais tarde em Nova Iorque. A minha avó chegou a Ellis Island em 1923, enquanto o meu avô chegou mais tarde por Buenos Aires, onde teve de fingir que era argentino, mesmo com uma fisionomia claramente de judeu russo.

Eles contavam-lhe alguma coisa da passagem pela ilha?

Toda a narrativa deles sempre esteve presente na minha vida. Os dois estiveram cinco horas na ilha a morrer de medo, sem saberem se iam conseguir entrar ou não nos EUA. Havia um processo muito duro, em que os médicos faziam testes e decidiam o destino de cada um. Uma das coisas que me conta-

ram é que lhes deram uma banana e esparguete, duas coisas que eles nunca tinham visto e não sabiam comer. Deram uma trinca na casca da banana como se fosse milho e não comeram o esparguete, achavam que eram minhocas.

São detalhes que entraram no filme.

Sim, do mesmo modo que o ambiente das histórias. No fundo, isto equivale a chegares a Moçambique e ficares perdido nesse país desconhecido, sem qualquer tipo de documentos ou telemóvel. Apesar de todos os problemas que tive-ram na Ucrânia, os meus avós sempre se sentiram sozinhos, nostálgicos e melancólicos nos EUA. As descrições da personagem de Marion Cotillard, seja no barco seja em Nova Iorque, são citações dos meus avós.

Foi a relação pessoal com estas histórias de imigração que o levaram a fazer o filme?

Completamente, até porque este perío-

"O Joaquin Phoenix é muito carismático e é um tipo profundo, com muitos demónios"

"As descrições da personagem da Marion Cotillard são citações dos meus avós"

"Os filmes foram feitos num momento particular da minha vida. É muito doloroso voltar a vê-los"

do está muito bem documentado, em textos, fotografias e pinturas. Os documentos foram uma forma de me aproximar do passado dos meus avós. Claro que ao olhar para o passado faço também uma auto-análise e fico com uma maior compreensão de quem sou eu. **Ao contrário do que aconteceu em filmes anteriores, escolheu contar a história na perspectiva feminina. Porquê?**

Não foi propositado, no sentido em que mudei a minha forma de pensar por estar a encarnar esta mulher. Escrevi a pensar numa pessoa e claro que surgiu algum alívio por não ter de voltar ao machismo agressivo de armas e gangsters. Foi um processo muito libertador. **O Joaquin Phoenix conseguiu fazer mais uma interpretação intensa. Lembra-se de quando o conheceu?**

Sim, tinha acabado de enviar um argumento à Liv Tyler, na esperança de que ela o mostrasse ao namorado, o Joaquin. Aparentemente ele gostou, porque me ligou e combinámos um jantar em Nova Iorque. Foi uma amizade instantânea, ele é uma pessoa muito carismática e por outro lado é um tipo profundo, com muitos demónios. Os defeitos dele são muito aparentes e uma coisa de que não o podemos acusar é de ser aborrecido de observar. Este filme tem uma interpretação particularmente difícil, com uma personagem que mente do início ao fim. O Joaquin não se acanhou e disse-me que odiava esta personagem e quando ele diz isto não é por acaso, pois ele transformou-se mesmo nesse tipo. **A vossa relação tem evoluído ao longo dos anos?**

É uma pergunta difícil, porque implica que me consiga distanciar e eu faço parte dessa mesma equação. Não sei qual é a razão, mas posso dizer que discutimos menos, o que não é propriamente bom. Ele tem mudado mais ao longo dos anos, está menos inseguro, tem um ego mais confortável e é agora uma pessoa pacífica.

Das famosas duplas de ator/realizador, qual a sua preferida? Existem muitas! A mais óbvia é a do Kurosawa com o Toshiro Mifune, talvez mesmo a melhor. Outras são a Scorsese

e De Niro e a Fellini e Giulietta Masina. Também gosto muito de Lina Wertmüller com Giancarlo Giannini, com vários filmes extraordinários. Uma das coisas incríveis do cinema é poder observar estas relações a crescerem. O meu único arrependimento como fã é o Al Pacino e o Francis Ford Coppola terem feito apenas aqueles dois filmes mágicos nos anos 70 ("O Padrinho" e "O Padrinho II"). **"The Immigrant" é um filme muito dramático. Era este o tipo de filme que o levava ao cinema em miúdo?**

Sim, nasci na geração de 70, com cinema muito genuíno, forte e honesto. Tenho muitos amigos realizadores da minha idade e acabamos sempre a falar dos mesmos filmes. O Paul Thomas Anderson e Wes Anderson já me confessaram que devem tudo a Robert Altman ou Bogdanovich. De certa forma, estamos a

recriar os filmes do nosso passado.

Para um lisboeta que nunca foi aos EUA, Nova Iorque é antes de mais um palco de cinema. Quais são os filmes que reflectem a sua Nova Iorque?

É estranho porque a cidade mudou radicalmente. Quando cresci não se podia andar na rua, a probabilidade de ser roubado ou maltratado era grande. Agora a cidade é um parque de diversões para milionários, não há preocupações. A cultura de rua desapareceu e era isso que dava à cidade uma vibração especial. O único filme que reflecte a minha cidade é o "Os Incorruptíveis contra a Droga", de William Friedkin, em que existe uma lixeira gigante que chamamos Nova Iorque. Eu adoro o Woddy Allen, mas coisas como "Manhattan" são pura ficção. Outra possível visão é em "Um Dia de Cão", em que ser herói significa simplesmente sobreviver um dia. Para mim a cidade não funcionava. Tive um grande amigo que foi preso na altura e saiu da prisão recentemente. Tive sorte em sobreviver.

Apesar de este filme ter uma óbvia conotação pessoal, esse cunho não é extensível a toda a sua cinematografia?

Os meus filmes mudam consoante o tempo, mas na altura estou sempre a fazer o trabalho mais pessoal possível. Bons ou maus, todos estes filmes são obviamente da mesma pessoa, estou sempre a procurar a minha própria voz. Mesmo os realizadores comerciais de qualidade fazem trabalho pessoal. Todos os filmes de Spielberg trabalham temas que lhe são próximos. Felizmente para ele, também são próximos para muita gente.

Existe uma linha coerente entre os seus cinco filmes?

Tento não pensar nisso, mas é interessante as pessoas encontrarem essa coerência. Em muitos sentidos, o "The Immigrant" é um filme sobre os avós das personagens de "Nós Controlamos a Noite". Se fiz aqui uma espécie de prequela, não foi uma coisa propositada.

O festival organizou visionamentos para estes cinco filmes. Qual deles gostava de ver outra vez?

Posso dizer nenhum? Todos estes filmes foram feitos num momento particular da minha vida, em que batalhava com coisas que já não me interessam. É muito doloroso ver filmes que fiz. Por exemplo, se visse uma carta que escreveu há dois anos qual seria a sua reacção?

Provavelmente ia achar que precisava

continua na página seguinte >>



D Mais // Entrevista

Em 1994, com o seu primeiro filme – “Viver e Morrer em Little Odessa” – James Gray recebeu o Leão de Prata, no Festival de Veneza. Confessa que achava que não ia ter sucesso, até o pai lhe disse isso. Mas foi essa negação que o motivou a agir. “Já fiz cinco filmes honestos e pessoais, posso pedir mais?”

>> continuação da página anterior

de ser melhorada e se fosse de amor deveria ser tudo muito fofo.

Exactamente! É um processo quase vergonhoso e quando escreveste essa carta estavas convencido que era um grande pedaço de literatura. No cinema é igual. E se fosse mesmo obrigado a ver um dos seus filmes?

Talvez o “Duplo Amor”. Na minha visão é o mais perto que estive de fazer o que realmente quero fazer. Mas podia ser um erro. A pior sensação que já tive foi ver um filme meu e pensar que se calhar os críticos tinham razão. É muito melhor não ver o filme e pensar que são todos uns idiotas.

Esteve recentemente na Amazônia a planear um filme. O que aconteceu?

Foi uma loucura. Depressa percebi que todos os elementos da natureza estavam contra fazer qualquer tipo de filme. Eu li coisas sobre aventureiros de faca a andar pela selva, mas quando cheguei lá cheguei só vi uma imensa parede verde e tive medo de avançar com o projecto.

Ao bom estilo do “Fitzcarraldo”, de Herzog.

Foi mesmo assim, uma coisa de doidos. Só de pensar que morreram dezenas de pessoas nesse filme fico com mais medo. Fisicamente é quase impossível, mas ainda quero fazer esse filme épico na Amazônia.

A última edição do Festival de Cannes teve outro filme com a assinatura de Gray, o “Blood Ties”, de Guillaume Canet. Como é que isso aconteceu? Foi uma coisa estranha. Estava na Ale-



manha a receber um prémio honorífico e o Canet pediu-me ajuda para traduzir o diálogo para o seu primeiro filme em inglês. Quando cheguei a casa dele, o argumento estava em branco. Ajudei-o a escrevê-lo, mas ainda não tive oportunidade de ver o filme. Ele é um tipo porreiro, mas provavelmente já me odeia. Tentei não intervir no filme, não dizer o que estava mal, e deixar que ele fizesse a sua própria obra.

Agora tem cinco filmes na bagagem e fãs por todo o mundo. Era isto que esperava quando começou nas ruas violentas de Nova Iorque?

[Silêncio.] Em todos estes anos, é a primeira vez que me perguntam isso. A verdade é que sempre esperei falhar. Quando me perguntam em entrevistas: “O que acha de não ter ganho este prémio?”, apetece responder que sou um tipo sortudo e isso não tem qualquer interesse. Já fiz cinco filmes honestos e pessoais, posso pedir mais? Em miúdo o meu pai dizia que não me podia safar e não éramos uma família de Hollywood. Ele estava errado. Foi esta negação por todos os lados que me levou a esforçar-me mais e conseguir vencer.

Então tem uma vida melhor do que esperava?

Sim, bem melhor. Mas por outro lado também é uma grande decepção. Quando estava a aprender cinema se me dissessem que ia ter cinco filmes de sucesso razoável e com actores premiados por Hollywood ia ficar delirante. Mas agora que estou no presente só tenho decepções. Claro que toda esta conversa pode estar relacionada com alguns e sérios problemas de depressão. Sinto-me sempre como no filme de Yasujiro Ozu, a “Viagem a Tóquio”. Que no fim chega à triste conclusão de que a vida é miserável. Não sei se isto responde àquela pergunta inesperada, mas a minha vida é muito melhor e decepcionante do que eu esperava.

“Nova Iorque mudou radicalmente. Quando cresci não se podia andar na rua, agora é um parque de diversões”

“Sempre esperei falhar. O meu pai dizia que não me podia safar e não éramos uma família de Hollywood. Estava errado”

FILMES



“Viver e Morrer em Little Odessa” (1994)
De James Gray
Com Tim Roth, Edward Furlong e Moira Kelly
Família disfuncional, com um assassino profissional e emigrantes russos.



“Nas Teias da Corrupção” (2000)
De James Gray
Com Mark Wahlberg, Joaquin Phoenix, Charlize Theron
Queens, corrupção, perseguições policiais e um protagonista que quer deixar de ser um marginal.



“Nós Controlamos a Noite” (2007)
De James Gray
Com Joaquin Phoenix, Mark Wahlberg, Eva Mendes
O dono de um clube nova-iorquino tenta salvar a família da máfia russa.



“Duplo Amor” (2008)
De James Gray
Com Joaquin Phoenix, Gwyneth Paltrow, Vinessa Shaw
Romance, drama, bipolaridade, tentativas de suicídio e vizinhas irresistíveis.



“The Immigrant” (2013)
De James Gray
Com Jeremy Renner, Marion Cotillard, Joaquin Phoenix |
Em 1921, duas irmãs polacas chegam à terra prometida, mas caem nas mãos de um proxeneta.